

# Mandado da agressão contra a economia

N. 17/1/84 por: João Carimo, em Quelimane

Zona que se estende, num planalto contínuo, ao longo do rio Chire, cujas águas a fertilizam, a localidade de Megaza é uma das áreas mais ricas do distrito de Morrumbala.

Propícia às culturas de milho e mapira, e com grandes potencialidades para o desenvolvimento da cultura do algodão, foi instalada naquela localidade, nos fins da década sessenta, uma fábrica de descasque dos frutos daquela planta da família das malváceas.

sua privilegiada situação natural, resultante da fertilidade do seu solo, fez também com que a zona de Megaza, constasse numa das áreas de grande criação de gado, na Província da Zambézia. Até fins de 1982, existiam na região mais de 14 mil bovinos.

Para além da cultura do milho, considerada muito rentável, a fertilidade que as águas do Chire traz para as terras da região,

desafia a exploração de grandes áreas para o cultivo do arroz, hortícolas e algumas leguminosas.

O Plano Prospectivo Indicativo contemplou a localidade de Megaza, com grandes projectos para o desenvolvimento da cultura do algodão, instalação de algumas indústrias do ramo e ainda a incentivação da criação de gado.

Nos meados de 1982, os bandidos armados, atravessando, segundo depoimentos da população, o rio Chire, que separa, em cerca de cem metros, o nosso País do Malawi, entram na zona, incendiam a unidade fabril de Megaza, destroem equipamento agrícola e saqueiam casas, danificam a única moagem local e outras infra-estruturas.

Como sempre, a acção dos bandidos armados foi contra alvos económicos e uma população pacífica. Megaza não tinha nenhuma unidade militar e nunca foi uma base de equipamento bélico. Uma fábrica, uma moagem, alguns estabelecimentos comer-

ciais, um posto sanitário, casas de operários e uma população honesta e trabalhadora, foram os alvos sobre os quais as armas dos assassinos vomitaram balas e morte.

Crianças inocentes e inofensivas, mulheres honestas, homens e anciãos pacíficos, foram os alvos para os quais se dirigiu o poder destruidor e a sanha assassina dos bandidos. Portas, janelas, chapas de fibrocimento, tractores, viaturas, máquinas e alfaias agrícolas, são o fim a atingir, no crime e no assassinato.

Decepar selos de mulheres, cortar orelhas, despojar os cidadãos de sua roupa, violar e violentar mulheres e menores, é a doutrina de guerra com que os bandidos entraram em Megaza.

Criaturas drogadas e sanguinárias, sem pudor e nem moral, ladrões de galinhas, cabritos e bois, é o regimento do exército sul-africano que entrou na localidade de Megaza, qual ciclone impetuoso e estruendo.

Catorze mil bovinos foram os soldados com quem os bandi-

dos pretenderam bater-se, em batalha militar. Catorze mil bovinos que ignoraram apavorado convite, viraram costas e hoje vivem tremelinhados, deambulando pela floresta, sossegados, embora se encontrem longe da população pacífica com quem sempre viveram.

Os bandidos, como sempre, no seu vandalismo errante e criminoso, não fazem senão deixar a imagem de quem os criou e sustenta. A prova de que são marionetes está patente em cada pegada que os malfeteiros deixam atrás de si.

É o regime de P. W. Botha, cujas armas, conforme pudemos ler nalgumas capturadas pelas nossas forças em Megaza, são entregues aos bandidos, para assassinar o nosso Povo e destruir a nossa economia.

«Made in South Africa», é o rótulo que vimos em quatro navalhas capturadas pelas FAM/FPLM, para além das latas de cerveja, isqueiros, chapéus, que atestam também a localização da logística que abastece os criminosos.

Acosados pelo fogo das nossas forças, na sua debandada, os bandidos informam a população que interrompem a sua actividade não porque se sentem derrotados, mas para ir «passar férias» de dois anos na África do Sul. Foi esta a resposta que nos deu um madjuba (colaborador dos bandidos), quando o interrogámos sobre o destino dos bandidos em debandada.